



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA LUIZA KUHNEN KÓS ARAÚJO

SUBJETIVIDADES AUTISTAS:
A EMERGÊNCIA DO SUJEITO PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Maria Luiza Kuhnen Kós Araújo

**Subjetividades autistas:
a emergência do sujeito para além do diagnóstico**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A663s Araujo, Maria Luiza Kuhnen Kós.
 Subjetividades autistas: a emergência do sujeito para além do diagnóstico.
 / Maria Luiza Kuhnen Kós Araujo. – Miracema, TO, 2023.
 46 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2023.

 Orientador: Ladislau Ribeiro do Nascimento

 1. Autistas. 2. Mulheres. 3. Subjetividades. 4. Linhas de fuga. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA LUIZA KUHNEN KÓS ARAÚJO

SUBJETIVIDADES AUTISTAS:
A EMERGÊNCIA DO SUJEITO PARA ALÉM DO DIAGNÓSTICO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento – Orientador – (UFT)

Prof. ^a Dra. Daniele Vasco Santos – Examinadora – (UFT)

Prof. Me. Cauê Rodrigues – Examinador – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Ao meu avô Ignácio Kuhnen, que sempre esteve presente me apoiando em todos os meus passos. Que possibilitou que eu fizesse um cursinho preparatório para o vestibular. Que está sempre contando seus causos e me estimulando a imaginar. Que me ensina vivendo que as coisas mais bonitas da vida são também as mais simples.

À minha mãe, Adriana, que me ensinou a perseverar e a acreditar. Que mesmo de longe se fez presente em meu coração. Que sempre me abraçou e se fez casa e abrigo para mim nos momentos mais difíceis.

Ao meu pai, Rairivaldo, que com a música e a leitura me forneceu as ferramentas que eu levaria para a vida para significar o mundo. Que me ensinou a olhar além do que se está dado. Que me sensibilizou às diferenças desde cedo.

À minha avó, Raimunda – ou vó Preta, por me ensinar a importância da responsabilidade e respeito com os outros. Pela presença e pelo cuidado.

À minha madrastra, Maílla, que com seu olhar sensível que só fotógrafas tem, me olhou e me acolheu em sua família. Que me estimulou a leitura e a criatividade.

Às pessoas que perdi e gostaria muito que compartilhassem esse momento comigo, meu irmão de coração, Pedro (*in memoriam*), e sua mãe, Tia Danilla (*in memoriam*).

À minha avó Marlene e meu avô Pedro, por me acolherem tão bem não só em sua casa mas também em sua vida. Por me mostrarem que a vida, mesmo quando em tons de cinza, ainda pode apresentar cores, como em um ipê amarelo.

Ao meu amor, Karollainy, que com paciência, zelo, compreensão e incentivo esteve presente nos momentos mais difíceis da graduação. Que me lembra todos os dias que posso ir mais longe. Que me faz sonhar e desejar. Que me deu suporte e apoio nos momentos em que a produtividade não se fez tão presente quanto eu gostaria e isso me frustrava. Que me lembrava que eu era humana quando a produtividade estava presente demais.

À Luna, minha gatinha, que esteve ao meu lado em quase todo o processo deste trabalho e que me fez dar pausas para admirá-la.

À minha irmã, Luara, que sempre esteve presente comemorando vitórias e chorando derrotas. Que me ensina a admirar o outro justamente pela sua multiplicidade, pela sua alteridade e suas possibilidades de existir.

Aos meus irmãos mais novos, Daniel, Izadora, Heitor, Emanuely e Cecília, que me permitiram a experiência de cuidar deles e admirar suas diferenças. Que me deram energia para seguir em frente por saber que sou – ou desejo ser – o norte que eles têm.

À minha tia Kallianna, educadora, que me ensinou o olhar do cuidado e do amor.

À todas as amigas e aos amigos que, de maneira direta ou indireta, participaram da minha formação. Em especial, Ana Caroline Costa, Auriene Santos, Débora Matos, Fernanda Martins, Heitor Magalhães, Kálita Vitória, Késia Kauane, Luana Bogo, Mateus Araújo, Millena Menezes, Paula Tavares, Samuel Miranda, Thamyres Conceição e Victoria Resplande. Saibam que cada uma e cada um de vocês desempenhou um papel fundamental nessa trajetória e que me sinto grata por ter aprendido tanto com vocês e por ter quem tornasse esse caminho menos árduo e mais leve com risadas, filmes, lanches, fofocas e muitas vivências importantes. Fui atravessada pelo encontro com vocês de uma forma muito singular.

Ao meu professor, supervisor de estágio e orientador, Ladislau, que com textos e questionamentos criou um espaço frutífero para que eu imaginasse, criasse, traçasse linhas de fuga mesmo sendo atravessada por tantas linhas duras. Que soube identificar as ervas daninhas que atrapalhavam o meu desenvolver. Que mesmo quando tive dificuldades em acreditar que conseguiria, ele continuou acreditando. Que com paciência e insistência, demonstrou a confiança necessária para que eu desabrochasse e desenvolvesse a pesquisa.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica e que me despertaram reflexões que mudaram minha forma de enxergar o mundo. Especialmente à Professora Daniele Vasco e ao Professor Cauê Rodrigues, que me inspiram com suas formas de atuar e estar no mundo. Que aceitaram o convite de participar da banca e contribuíram imensamente com a construção dessa pesquisa.

À Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, que possibilitou que eu permanecesse no curso mesmo quando pensei não haver mais saídas.

À Universidade Federal do Tocantins, que me permitiu uma formação pública, gratuita e de qualidade.

“Nasci sob um teto sossegado, meu sonho era um pequenino sonho meu, na ciência dos cuidados fui treinado, agora, entre o meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu.”

Waly Salomão

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar a dimensão subjetiva de autistas emergentes em postagens em perfis do Instagram®. A metodologia combinou revisão de literatura com Análise de Conteúdo. A noção de subjetividade adotada é apoiada nas contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para os autores, assim como um rizoma, a subjetividade não é passível de centralização ou totalização e está constantemente sendo produzida em um fluxo ou redes. A partir dos conceitos de linhas duras, maleáveis e de fuga criou-se categorias para análise de conteúdo. O estudo analisou os perfis no Instagram de duas mulheres autistas: Luciana Viegas e Alice Melo. Luciana, ativista antirracista e educadora, aborda temas como inclusão e racismo. Alice, especialista em acessibilidade e LGBTQIA+, fala principalmente sobre acessibilidade e cinema. Ambas compartilham experiências em suas redes que trazem rastros de como a relação que estabelecem com o mundo produzem afetos – alegria, tristeza, indignação, resistência, desejos, interesses específicos, disputas, orgulho, criatividade. Luciana destaca o impacto do diagnóstico na comunidade negra, abordando questões como a violência policial. Elas convergem em temas como educação inclusiva, capacitismo e cultura pop. O estudo destaca como a compreensão acerca das linhas de fuga, traçadas por essas mulheres, contribuem para uma compreensão dos sujeitos para além do diagnóstico. Denuncia-se ainda a abordagem homogeneizadora da Ciência Moderna ao tratar o autismo, objetificando os sujeitos e podando os aspectos rizomáticos de suas subjetividades. A pesquisa não busca definir uma essência das subjetividades autísticas. Propõe, em vez disso, inspirar os profissionais a abandonar as posturas de especialistas objetificadores e adotar uma escuta atenta.

Palavras-chaves: Autistas. Mulheres. Subjetividades. Linhas de fuga.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the subjective dimension of emerging autistics in posts on Instagram® profiles. The methodology combined literature review with Bardin's (1997) Content Analysis. The adopted notion of subjectivity is that of Deleuze and Guattari. According to these authors, like a rhizome, subjectivity is not subject to centralization or totalization and is constantly being produced in a flow (Romagnoli, 2014) or networks. Categories for content analysis were created based on the concepts of hard, malleable, and lines of flight. The study analyzed the Instagram profiles of two autistic women: Luciana Viegas and Alice Melo. Luciana, an anti-racist activist and educator, addresses topics such as inclusion and racism. Alice, a specialist in accessibility and LGBTQIA+, primarily discusses accessibility and cinema. Both share experiences on their platforms that leave traces of how the relationships they establish with the world produce affects – joy, sadness, indignation, resistance, desires, specific interests, disputes, pride, creativity. Luciana highlights the impact of the diagnosis on the black community, addressing issues such as police violence. They converge on themes such as inclusive education, ableism, and pop culture. The study emphasizes how understanding the line of flight traced by these women contributes to an understanding of individuals beyond the diagnosis. It also denounces the homogenizing approach of Modern Science in treating autism, objectifying individuals, and trimming the rhizomatic aspects of their subjectivities. The research does not seek to define an essence of autistic subjectivities. Instead, it proposes to inspire professionals to abandon objectifying expert postures and adopt attentive listening.

Key-words: Autistics. Women. Subjectivities. Line of flight.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil de Luciana Viegas no Instagram.....	29
Figura 2 - Perfil de Alice Melo no Instagram.....	30
Figura 3 - Publicação feita no Instagram de Luciana.....	36

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	10
2	INTRODUÇÃO.....	13
3	UMA BREVE HISTÓRIA DO DIAGNÓSTICO.....	16
4	AUTISMO: UM TRANSTORNO COM GÊNERO E RAÇA?.....	18
5	CIBERESPAÇO E SUBJETIVIDADES RIZOMÁTICAS.....	22
6	INSTAGRAM®: UM DOS CIBERESPAÇOS MAIS UTILIZADOS NO BRASIL.....	24
7	METODOLOGIA.....	26
7.1	Procedimento para coleta de dados.....	27
7.2	Procedimento de análise.....	27
8	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
8.1	Das linhas duras às maleáveis: o autismo pelas autistas.....	31
8.2	Linhas de fuga: processos de singularização e invenção subjetiva para além do diagnóstico.....	36
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41

1 APRESENTAÇÃO

Em uma aula de Psicologia Social, ao pensarmos sobre os modos de produção de conhecimento, fui contestada com uma pergunta complexa: como é escrever um Trabalho de Conclusão de Curso sobre sujeitos/as autistas sem ter uma vivência direta com o autismo? O questionamento despertou em mim reflexões profundas que trarei para o texto a fim de demonstrar de que forma sou atravessada pelo tema em questão. Para iniciar essa apresentação é importante dizer que não me recordo de um momento em que o fascínio pela alteridade não estivesse presente em minha vida. De uma forma ou de outra, sempre me via novamente atraída a estar entre os diferentes, os que fogem das normas estabelecidas, do comum. Afinal, sentir-me acolhida por muitas das ditas normalidades sempre foi um desafio, uma luta constante.

Penso que talvez haja uma relação entre o que é familiar para mim, e, de alguma forma, o estranho passou a ser meu lugar de conforto, onde me sinto em casa. Antes de adentrar na universidade, meu interesse pelas alteridades deficientes foi despertado através das escutas dos relatos das experiências da minha tia Kallianna, que é professora de Atendimento Educacional Especializado. Talvez tenha sido ali, nos discursos, nos afetos, nas movimentações da minha tia que tenha surgido o primeiro impulso do desejo de mergulhar nesse tema. Sua atuação transcende os limites do ensino e vem de uma mulher que cuidou e cuida, não apenas de seus alunos, mas de meus primos, de meus irmãos e de mim, de uma forma muito presente.

Já no curso de Psicologia, no segundo semestre, na disciplina de Psicologia e Educação Inclusiva, tive contato com leituras e debates sobre inclusão/exclusão e alteridades deficientes. Às quintas-feiras de manhã eu me debruçava sobre aquelas discussões e me disponibilizava a desconstruir crenças, a olhar a deficiência sob um novo prisma. Foi nesse tempo e espaço que pude pela primeira vez refletir e dar sentido para o que antes era apenas uma inquietação. Não que elas tenham cessado, pelo contrário, cresceram ainda mais. Fui instigada a questionar todos os engendramentos que perpetuam a in/exclusão e a marginalização de corpos.

Tempos depois, após suspeitas, meu irmão foi submetido a uma avaliação psicológica que durou três meses. O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) de nível 1 de suporte¹ provocou mobilizações em toda a família. Entre preocupações e incertezas, buscamos entender quais adaptações seriam necessárias, quais cuidados seriam essenciais e

¹ O TEA é dividido em três diferentes níveis de suporte. Os critérios diagnósticos são os mesmos, o que muda é a forma em que os sintomas se apresentam e a necessidade de suporte maior ou menor. De forma geral, são notados em quadros de pessoas autistas de nível 1: dificuldade em iniciar interações sociais, respostas atípicas ou não sucedidas para abertura social; independência limitada por problemas com organização e planejamento (APA, 2013).

indispensáveis, como deveríamos nos adaptar. De certa forma, a partir de psicoterapias e o apoio geral da família, Heitor passou a ter uma vida melhor. Mas mesmo com o diagnóstico surgiram outros problemas que ultrapassam a lógica biomédica, tais como: a recusa de matrícula por parte de uma escola devido ao diagnóstico; o questionamento se ele seria realmente uma criança autista, já que não aparenta ter “cara de autista”; encarceramento dentro de uma sala de uma escola quando tinha 6 anos de idade junto com outras crianças deficientes. Essas histórias são contadas e vividas principalmente pela minha madrasta e meu pai, cuidadores do Heitor, que estão diariamente com ele.

Certamente não conseguirei passar aqui a dimensão do meu amor por ele, mas o que importa dizer é que muito do que foi feito neste trabalho foi pensando nele. No jovem, no adulto e no idoso que ele virá a se tornar. Foi pensando na sociedade e nos profissionais que possam atender a ele e a outros e outras que vivem nesse mundo. Foi pensando naqueles que não têm as mesmas oportunidades de acesso a um psicodiagnóstico, realizado de maneira responsável. Que não tem e não tiveram acesso a cuidados que permitam um bem viver, uma forma menos adoecedora de estar no mundo. Mas importa dizer também que muito aqui também foi feito pensando naqueles que fazem parte da rede de pessoas que cuidam do Heitor diariamente.

Então, foi a partir de algo que me atravessa, ser mulher, que me deparei pela primeira vez com relatos de mulheres autistas na internet. Elas traziam o sofrimento de ter um diagnóstico tardio e processos de camuflagem desse diagnóstico. Mesmo assim, minha visão acerca do tema ainda era muito estigmatizante. Ao seguir indicações de uma amiga com quem tive uma conversa descontraída sobre o tema, tive contato com perfis do Instagram de pessoas autistas em que pude ver o que aquelas vozes estavam dizendo e refletir como os discursos eram divergentes daqueles propagados pelos especialistas. Esse contraste se tornou um incômodo para mim. Os questionamentos foram muitos, queria saber onde a Psicologia estava nesse campo que produz tantas verdades e inverdades, qual de fato eram os olhares da Psicologia para esse fenômeno. Através dessa angústia crescente em pensar nas mulheres e autistas, busquei o professor Ladislau para produzirmos uma pesquisa de iniciação científica. Na época ele era meu supervisor de estágio, mas a admiração e respeito já tinham sido semeados há anos através de suas aulas com a perspectiva da educação inclusiva.

Assim, o projeto de iniciação científica, intitulado, “O Transtorno do Espectro Autista em Publicações no campo da Psicologia: uma revisão integrativa”, nos forneceu campo fértil para pensar nessa temática. Por vezes, as vozes que falam sobre o autismo eram tantas que nos trazia mais questionamentos do que respostas. A principal lacuna encontrada na revisão integrativa é justamente sobre os interlocutores dos discursos. Assim, anseio que por meio deste

trabalho possamos trazer para as análises as manifestações dos fluxos das subjetividades autísticas. Desse modo, idealiza-se um cenário em que a Psicologia poderá atuar de forma menos iatrogênica, com responsabilidade social e criticidade.

2 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) faz parte dos chamados transtornos do neurodesenvolvimento, estes geralmente são manifestados antes mesmo de o sujeito ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no crescimento, que acarretam prejuízos ao funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional (APA, 2013). Com a publicação mais recente do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V (APA, 2013), os transtornos denominados na penúltima edição do Manual - DSM IV - de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento (APA, 1994) foram englobados pelo TEA. Tal alteração tem sido justificada da seguinte forma:

Os sintomas desses transtornos representam um continuum único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados (APA, 2015, p. XLII).

Assim, justifica-se que essa fusão foi estabelecida a fim de tornar o diagnóstico mais amplo. De fato, caso este seja feito nos primeiros três anos de vida — somado a intervenções precoces intensivas e de longo prazo, pode trazer um impacto positivo no prognóstico, especialmente considerando a adaptação psicossocial e familiar, o desempenho cognitivo, o comportamento adaptativo e as habilidades de comunicação e interação social (Virués-Ortega, 2010 *apud* Carvalho *et al.*, 2023).

Observa-se que os avanços no campo das classificações nosográficas, da saúde e das políticas públicas acerca do autismo são consideráveis (Dias *et al.*, 2021). Entretanto, junto a isto, estigmas sobre quem é o indivíduo autista são amplamente disseminados nos meios de comunicação, isto é, a imagem de uma criança do sexo masculino, branca, isolada do resto do mundo, com dificuldades de manter contato visual e uma boa comunicação (Stelzer, 2010) estão fixadas no imaginário popular quando se pensa em “autista”.

Afinal, não é de hoje que a alteridade deficiente raramente é vista como pertencente a uma nação, sendo cidadãos e sujeitos políticos, articulando-se em movimentos sociais, possuidores de sexualidade, religião, etnia, classe social, idade, gênero e atores/produtores de narrativas próprias (Skliar, 1999). Portanto, sujeitos autistas que fogem da norma em que se é pensado o transtorno carregam em si outras marcas para além da deficiência. Corpos de mulheres, pessoas LGBTQIA+, negras, indígenas, ciganas e com deficiência são social e

culturalmente representados como “desviantes”, “degenerados”, “deformados”, “dependentes”, “incompletos”, “vulneráveis”, “incapazes”, “fracos”, “incompetentes”, “selvagens” e “exóticos” (Garland-Thomson, 2004 *apud* Mello; Aydos; Schuch, 2022).

A partir de discursos médico-patologizantes há uma redução do sujeito/a autista a uma categoria de indivíduo com uma série de sintomas, comprometimentos e incapacidades passíveis de intervenção clínico-pedagógica (Silva; Furtado, 2019). Entretanto, entende-se que as subjetividades escapam às fronteiras dos manuais e dos discursos médico-patologizantes.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar a dimensão subjetiva de autistas, a partir da análise de postagens em perfis do Instagram®. Isto é, procurou-se evidenciar o sujeito para além das classificações nosográficas. Consideraram-se as maneiras de ser, pensar, agir, existir e se relacionar das pessoas autistas, segundo suas próprias expressões no ciberespaço. Além disso, buscou-se comparar discursos acerca do TEA proferidos por experts e por pessoas autistas; enunciar subjetividades autistas; produzir conhecimento baseado em experiências de sujeitos/as autistas; e criar condições para aproximar a Psicologia como Ciência dos saberes e experiências de sujeitos autistas. Para tanto, duas questões norteadoras guiaram a pesquisa: O que pessoas com autismo nos dizem acerca do autismo? Como a subjetividade autista emerge e se expressa através de postagens na rede social em questão?

Aqui, a subjetividade é compreendida com inspiração em ideias e conceitos de Félix Guattari e Gilles Deleuze, fundadores da Esquizoanálise, que extraem da botânica o conceito de “rizoma” para dizer das subjetividades e dos processos de singularização. Para os autores, assim como um rizoma, a subjetividade não é passível de centralização ou totalização e está constantemente sendo produzida em um fluxo (Romagnoli, 2014) ou redes. Ainda nessa perspectiva, a subjetividade é uma composição complexa de várias linhas e planos de forças que operam simultaneamente. Estas linhas incluem tanto aquelas duras, responsáveis pela manutenção das divisões binárias relacionadas a sexo, profissão e camada social, que tendem a classificar e sobrecodificar os sujeitos, quanto as linhas maleáveis, que viabilizam o afetamento da subjetividade, criando áreas de indeterminação que permitem agenciamentos. Há ainda as linhas de fuga, que indicam caminhos ou processos que levam a algo novo, muitas vezes resultando em mudanças e novas perspectivas (Romagnoli, 2009).

Dessa forma, a partir deste trabalho pode-se evidenciar algumas dessas linhas que emergem através das redes sociais, no sentido de subverter os ideais de normalidade impostos ao ser autista. Para isto, no intuito de abordar o assunto sem desconsiderar a complexidade do tema, explorou-se diversos discursos instituídos acerca do autismo.

Inicialmente abordaremos então as raízes históricas que moldaram nossa compreensão contemporânea sobre o autismo. Depois, falaremos sobre as interseccionalidades, muitas vezes, desconsideradas/podadas pelos discursos dos especialistas. Em seguida, lançaremos nosso olhar para a complexidade do ciberespaço e das produções subjetivas nesse meio. E por fim, as especificidades do Instagram®, um dos ciberespaços mais utilizados no Brasil.

3 UMA BREVE HISTÓRIA DO DIAGNÓSTICO

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugen Bleuler, um psiquiatra suíço, para denominar “a perda de contato com a realidade acarretando, como consequência, uma impossibilidade ou uma grande dificuldade de se comunicar com os demais” (Ajuriaguerra, 1977, p.677).

Somente em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, o termo foi utilizado novamente por Leo Kanner, quando descreveu onze crianças – oito meninos e três meninas – afirmando que elas demonstravam “a incapacidade de se relacionarem de maneira normal com pessoas e situações, desde o princípio de suas vidas” (Kanner, 1943). Além disso, Kanner constatou uma dificuldade na linguagem dessas crianças, pois afirmava que parte delas não falava e as que falavam não conseguiam fazer da fala um instrumento comunicativo (Marfinati; Abrao, 2014).

Já em 1944, Hans Asperger identificou, em seu estudo de caso intitulado “Psicopatia autística na infância”, sintomas semelhantes aos descritos por Kanner em quatro meninos (Asperger, 1944); por fim, atribuiu as características das crianças a deficiências biológicas, especialmente genéticas (Brasil, 2015). Nas primeiras edições do CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças, o autismo não é citado. É apenas na sexta classificação, estabelecida em 1950, que houve a primeira sistematização do autismo no referido catálogo (Fernandes; Tomazelli, Girianelli, 2020). A primeira menção o considerava como uma forma de esquizofrenia e na nona edição do Catálogo o autismo aparece como parte da psicose infantil (Marfinati; Abrao, 2014). De acordo com os autores, é somente a partir do CID-10, bem como nos Manuais Diagnósticos e Estatísticos de Transtornos Mentais, DSM-III e o DSM-III-R, que o autismo passou a fazer parte dos Transtornos Globais de Desenvolvimento.

Atualmente, situado no campo dos transtornos do neurodesenvolvimento, o autismo aparece no DSM-5 em associação aos seguintes critérios: a) prejuízos persistentes na comunicação social, verbal ou não-verbal, em diferentes contextos; b) padrões de comportamentos ou interesses restritos, e possível sofrimento quando esse padrão é alterado; c) os sintomas devem estar presentes desde o início da vida do sujeito; d) os sintomas devem causar prejuízo significativo no âmbito social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Além disso, indica-se a utilização de alguns especificadores, por exemplo, há pessoas que podem ser diagnosticadas com ou sem o comprometimento intelectual, prejuízo na linguagem, catatonia, etc (APA, 2013).

O TEA tem ainda três diferentes níveis de gravidade ou suporte, que vão do nível um – que exige pouco suporte, até o nível três, que exige uma assistência bastante considerável (APA,

2013). Desse modo, é notável que as características descritas por Kanner foram essencialmente consideradas nos manuais, principalmente nos critérios diagnósticos do DSM-5.

4 AUTISMO: UM TRANSTORNO COM GÊNERO E RAÇA?

O DSM-5 cita que o TEA é diagnosticado quatro vezes mais em pessoas do sexo masculino do que nas do sexo feminino. Há discordâncias quanto a esse dado na atualidade, pois, acredita-se que a prevalência em meninos se dá pelo fato de as pesquisas, desde Bleuler a Kanner, terem sido feitas a partir da experiência de meninos, refletindo, assim, nas características do diagnóstico. Sobre este assunto, Adrianna de Sá (2019), no XIII Congresso Nacional de Bioética, afirmou que

A construção dos critérios psiquiátricos em autismo, desvelam reflexos do patriarcado. Desde as primeiras pesquisas com Kanner até a última atualização do DSM, passando à teoria do cérebro hipermasculino, [os estudos] direcionam olhares neurosexistas. (SÁ, 2019, p.32).

Pereira e Souto (2019, p.1406) trazem ainda um ciclo de invisibilidade de mulheres autistas, caracterizado por:

1. Pesquisas utilizam amostragens com maioria de homens, resultando em características do “autismo masculino”; 2. Menos mulheres são diagnosticadas; e 3. Dados divulgados convencem profissionais e cientistas de que há mais homens autistas do que mulheres. (PEREIRA; SOUTO, 2019, p.1406).

Assim, percebe-se que há uma valorização da ciência moderna – experimental, racionalista e determinista, frente a outras ciências. A Psicologia, para se constituir como ciência, baseou-se neste tipo de conhecimento. Entretanto, há uma problematização quanto à gênese da Psicologia, pois, ao pensá-la apenas no campo das ciências naturais e não nas sociais e humanas, desconsidera-se as subjetividades e o contexto histórico-cultural em que os sujeitos estão inseridos (BOCK, 2001). Assim, a Ciência Moderna, que fornece base sólida para a Psiquiatria e que se faz presente em algumas psicologias, reduz os sujeitos para caber em um indivíduo.

Destarte, afirma-se que o processo de exclusão das vivências femininas não acontece de forma inédita, afinal, a própria ciência tem em sua raiz um caráter sexista, pois trabalha e se consolida na ideia de homem universal – cisgênero, branco e heterossexual. A ideia defendida por Aristóteles e depois por Galeno é a de que o homem estava no centro da cadeia dos seres vivos e este vinha seguido pela mulher, que era inferior ao homem por ser considerada mais fria e úmida (DEL PRIORE, 1999). Ou seja, o homem era a referência, o Eu, e a mulher, o Outro. Suas características eram referenciadas no sentido do que faltava no homem. Seus órgãos genitais não tinham nome, eram denominados a partir do que faltava no corpo masculino.

No caso do autismo, há autores que têm pensado nas diferenças sintomatológicas do transtorno em diferentes gêneros. Os sintomas clássicos ou típicos geralmente são apresentados por homens — por exemplo, empatia baixa, apego a objetos e dificuldades para imitar comportamentos —, enquanto as mulheres manifestam sintomas denominados atípicos, como, por exemplo: hiperpatia, apego a animais e imitação robotizada de comportamentos sociais (PEREIRA; SOUTO, 2019). Logo, a ineficácia e insuficiência da ciência natural é demonstrada quando objetifica aquilo que é subjetivo e se diz neutra, apesar de considerar as experiências femininas como atípicas. Dessa forma, percebe-se que há nesse discurso uma referência de indivíduo.

Além disso, não se pode esquecer que a ciência do século XIX, através das teorias raciais europeias, foi responsável pela forma de se pensar os negros (ZAMORA, 2012). Deste modo, contribuiu e contribui para a disseminação de estigmas que causam sofrimento direto em todos aqueles que rompem com a norma. Não é por acaso que o TEA é pensado enquanto um transtorno masculino e branco e que, conseqüentemente, são estes os sujeitos que têm acesso a cuidados, enquanto casos presentes em mulheres, negros e negrassão subnotificados e aniquilados.

É dessa forma que os manuais diagnósticos servem como instrumentos da necropolítica (MBEMBE, 2003). Ao decidir quem é o indivíduo do diagnóstico, decide-se quem vai viver e quem vai morrer. Nesse sentido, as mulheres autistas e as pessoas autistas negras sofrem pelo que Débora Diniz (2007) chamou de “opressão pelo corpo”, que é aquela que humilha e segrega um corpo deficiente. A autora também defende que precisamos ampliar a ideia de deficiência, pois, assim, podemos pensá-la não como um fracasso individual, mas como uma produção social. É a supremacia do discurso biomédico acerca do autismo que produz subnotificações de casos de TEA em mulheres e em pessoas negras, que passam uma vida sem acesso a condições específicas de cuidado para seu modo de viver e ver o mundo.

Além disso, pensa-se nas intervenções utilizadas pela Psicologia na atualidade com crianças autistas. Em estudo realizado com três crianças com diagnóstico médico de TEA com dificuldades na adaptação escolar, as autoras Martins e Camargo (2023) objetivaram analisar se uma intervenção ancorada em estratégias da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) poderia facilitar o processo de adaptação escolar de crianças com autismo. Na pesquisa, as autoras dizem da importância da ABA no contexto pré-escolar para que haja adaptação das crianças. Dessa maneira, segundo as autoras mencionadas o sofrimento das crianças autistas advém da sua inadaptabilidade ao seu meio. Ou seja, a raiz de seu sofrimento é a lesão que as tornam inadequadas ao meio. Entretanto, consoante com o que traz Diniz (2007), o que faz do sujeito

um ser deficiente é a sua interação com uma sociedade discriminatória que tem ideais específicos de humano ideal. Neste sentido, o sofrimento não seria derivado fundamentalmente da sua lesão, pois, esta seria apenas um dado corporal isento de valor.

Schneider (2011) tece uma crítica à psicopatologia ao pensar em projetos de ser. Ela traz que o projeto de ser de um sujeito é construído a partir de sua ação no mundo através de uma trama de relações sociais e sociológicas. A autora afirma que o adoecimento advém da inviabilização e aniquilação do projeto de ser do sujeito. Assim, pensa-se nos projetos de vida dos sujeitos autistas, diagnosticados. No entanto, cabe perguntar sobre aqueles que não têm acesso ao diagnóstico, bem como sobre aquelas pessoas que estão sendo aniquiladas em suas singularidades. Em que medida a Psicologia tem contribuído para esse adoecer a partir das práticas de normalização dos sujeitos, em especial no contexto escolar? Embora esta pesquisa não busque resposta para as questões mencionadas, vale fazer o registro a título de reflexão.

Nesse sentido, a redução do sujeito/a autista a uma categoria de indivíduo (SILVA; FURTADO, 2019) a partir da produção de conhecimento é advinda dos ditos experts. Estes, de acordo com Baremlitt (1996), têm se colocado à serviço de instituições proprietárias da riqueza, do poder, do saber e do prestígio. As consequências disso são que os sujeitos se vêem despossuídos de conhecimento sobre si mesmos. O autor fala que

[...] esse saber, criado e acumulado pelas comunidades sociais durante tantos anos de experiência vital, a partir do surgimento do saber científico e tecnológico, fica relegado, colocado em segundo plano, como se fosse rudimentar e inadequado. Tanto é assim que temos técnicos que costumam chamá-lo de ideologia, num sentido vago, geral, visando a qualificá-lo como um falso conhecimento, pobre, infundado ou, no melhor dos casos, insuficiente (BAREMBLITT, 1996, p.15).

Quando se pensa na produção de saberes acerca do autismo, os discursos propagados acontecem no campo nosológico, a partir da atuação de especialistas no assunto – ou por aqueles que se intitulam como tais. O que se vê atualmente são profissionais das áreas da Psicologia e da Medicina, em especial da Psiquiatria, que propagam informações baseadas em evidências, ou não, e que pouco se interessam em dar espaço para as narrativas de pessoas autistas. Estas, por sua vez, são pessoas diversas, com diferentes vivências, idades e afetos, mas que têm seus discursos e suas singularidades apagadas para ceder lugar a um indivíduo encerrado em um diagnóstico, com sintomatologias previamente definidas. Aqui não se fala sobre atravessamentos no campo social, interseccionalidades, desejos e idiosincrasias, pois tais elementos nem mesmo são considerados.

Segundo Bialer (2015), a recusa ao saber e à voz do autista acerca de si mesmo, por parte de especialistas, produz enviesamentos nos processos educativos e terapêuticos

implementados em diferentes espaços. A autora aponta para o fato de análises sobre TEA não levarem em consideração aquilo que as pessoas com autismo têm a dizer. Assim, no desenvolvimento desta pesquisa, considerou-se que o acesso a conteúdos pessoais e informais publicizados no ciberespaço permitiria uma aproximação em relação a realidades difíceis de serem acessadas pelas vias tradicionais da pesquisa acadêmica.

5 CIBERESPAÇO E SUBJETIVIDADES RIZOMÁTICAS

Sobre o meio digital, Pierre Lévy (1999, p. 160) afirma que,

[...] na Web, tudo se encontra no mesmo plano. E, no entanto, tudo é diferenciado. Não há hierarquia absoluta, mas cada site é um agente de seleção, de bifurcação ou de hierarquização parcial. Longe de ser uma massa amorfa, a Web articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista, mas essa articulação é feita transversalmente, em rizoma, sem o ponto de vista de Deus, sem uma unificação subjacente (LÉVY, 1999, p. 160).

Tal perspectiva conversa com a noção de subjetividade empregada por Félix Guattari. Nesta perspectiva, a subjetividade é produzida em processo contínuo e coletivo e é influenciada por diversos elementos sociais, históricos e culturais (MANSANO, 2009). Entende-se, então, que as subjetividades podem ser produzidas em diferentes contextos, mesmo na Web – palavra inglesa que significa teia ou rede.

Deleuze e Guattari se interessaram pela prática de Fernand Deligny, um importante educador francês, que a partir das noções de subjetividade rizomática propôs uma prática pedagógica inédita. Tratou-se de uma investigação cartográfica da “experiência autística” em que elaborou um procedimento cartográfico baseado em traços, linhas e mapas que descrevem os percursos dos movimentos diários dos autistas (Matos, 2017). Desse modo, reflete-se como as produções subjetivas em redes virtuais são também rizomáticas: fluidas e em constantes processos de produção. Os autores dedicaram diversos textos a Deligny. O educador trabalhou com Guattari e Jean Oury em La Borde entre 1965 e 1967, onde organizou ateliês de desenho, artesanato e cinema. Ele considera “rizoma” e “rede” como sinônimos ou termos correspondentes (MIGUEL, 2015). Sobre as redes sociais, Santaella (2004) afirma que

Produzem uma reconfiguração da linguagem, constituindo os sujeitos culturais fora do padrão do indivíduo racional e autônomo que deu sustento à noção de sujeito na era da cultura impressa. Essa noção de sujeito se viu atropelada na era digital por um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado como uma identidade instável. (SANTAELLA, 2004, p. 50)

No mesmo texto, a autora diz ainda que a novidade não está na transformação de identidades previamente unas em identidades múltiplas, já que a natureza das subjetividades é múltipla; mas, sim, na possibilidade de os sujeitos tornarem esse fato evidente através do ciberespaço - ambiente de comunicação aberto pela interligação global dos computadores e suas memórias (LÉVY, 1999).

Dentro desse espaço tem-se ainda o que é chamado de “influenciadores digitais”. O termo passou a ser utilizado no Brasil a partir de 2015, à medida que novas aplicações entraram no cenário de produção desses profissionais, que não estavam mais limitados a uma plataforma – só o YouTube, no caso dos vlogueiros; ou só o blog, no caso dos blogueiros. Paralelo a isso, surgiu também o termo “criadores de conteúdo digital” para se referir a esses sujeitos (KARHAWI, 2017). Nesse contexto, reafirma-se a relevância da pesquisa ao considerar o contexto cibernético em que vivemos e os papéis que esses influenciadores têm assumido em nossa sociedade.

Ao dizer da subjetividade segundo o entendimento de Guattari, Mansano (2009, p. 111) afirma que o outro pode ser entendido como o “outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver”. Se as subjetividades são produzidas em processos de construção coletiva, na contemporaneidade, é também através das redes sociais que emergem e se expressam.

6 INSTAGRAM®: UM DOS CIBERESPAÇOS MAIS UTILIZADOS NO BRASIL

Segundo o Panorama Mobile Time/ Opinion Box - Uso de Apps no Brasil, publicado em maio de 2023, o Instagram está em 91% dos smartphones de brasileiros, sendo também o aplicativo em que os brasileiros passam a maior parte do tempo. Apesar da popularidade dessa rede social, poucas pesquisas foram realizadas nesse meio (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014). Atualmente, de acordo com relatório elaborado por especialistas (KEMP, 2023), há mais de 2 bilhões de usuários ativos.

A rede social Instagram® é uma plataforma que foi lançada em 2010, pelo americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. Ela permite o compartilhamento de fotografias e vídeos e a interação entre seus usuários por meio de comentários e de atribuição de likes (MONTARDO, 2019). Segundo o mesmo autor, o nome surgiu da combinação de duas palavras: *insta* (instant, em referência a inspiração vinda das câmeras de impressão instantânea, como a Polaroid); e *gram* (telegram, que compara compartilhamento e telegramas) (VILICIC, 2015).

Esta plataforma tem em si diversas funcionalidades e recursos. Um deles é um perfil onde opcionalmente os usuários inserem uma apresentação breve sobre si em um espaço de 150 caracteres, uma fotografia principal e um site. De forma geral, nesta página aparece a quantidade de publicações realizadas no perfil, o número de seguidores², o número de perfis que a pessoa está seguindo e uma biografia – espaço de 150 caracteres que o usuário pode se apresentar para aqueles que acessarem seu perfil. A plataforma permite ainda que seus usuários capturem e compartilhem fotos e vídeos acompanhados de textos, ou mesmo textos e vídeos em formato de imagens de forma instantânea. Há também, dentro do Instagram®, o recurso Stories³, que permite a publicação de fotos e vídeos que ficam disponíveis por até 24 horas e depois são excluídos automaticamente (HU; MANIKONDA; KAMBHAMPATI, 2014).

Nessa pesquisa utilizamos apenas as fotos e vídeos acompanhados de textos publicados pelas pessoas autistas em seus perfis. Não consideramos postagens nos *Stories*. Entende-se que os conteúdos publicados em formato *Stories* são efêmeros e passageiros, enquanto os postados em perfis são, em geral, permanentes e elaborados. Além disso, as postagens nos perfis permitem uma análise dos textos – conteúdos verbais, que podem vir acompanhados das

² Usuários que optaram por acompanhar as postagens de outro perfil.

³ Funcionalidade do Instagram destinada à criação e compartilhamento de conteúdos temporários, os quais permanecem acessíveis para visualização durante um período de apenas 24 horas.

postagens. Sobre a escrita como ferramenta para pessoas autistas, Marina Bialer (2015, p. 222) afirma que,

quando os autistas kannerianos podem escrever seus textos, eles podem finalmente mostrar que são inteligentes, pensantes, sensíveis, desejosos de se expressar e de estender cada vez mais seus pseudópodes em direção aos outros, o que podemos apontar nas autobiografias escritas nos (sic) autistas não verbais (BIALER, 2015, p. 222).

Assim, a ênfase nas subjetividades autistas através da rede social Instagram® se justifica a partir da constatação da ausência de estudos que considerem tais produções subjetivas, e seus agenciamentos, no espaço cibernético. Sobre a rede social em questão, pode-se refletir sobre o conceito de Sociedade do Espetáculo, conforme análises desenvolvidas por Guy Debord. O autor diz que

[...] toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens (DEBORD, 2003, p. 8).

Assim, a rede social Instagram funciona sob a lógica das sociedades espetacularizadas, pois a realidade passa a ser construída assim como suas representações. Esta rede se configura como o palco em que os usuários criam e simulam como querem ser vistos.

7 METODOLOGIA

Esta pesquisa se define como um estudo de tipo exploratório, descritivo-analítico, de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001, p. 07), a abordagem qualitativa atinge

um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 07).

Assim, através das análises, podemos acessar as formas de emergência dos sujeitos autistas no Instagram®, isto é, quais os agenciamentos e desdobramentos de singularidades autistas emergem na rede social; quais as linhas de fuga traçadas pelos sujeitos a fim de romper com os estereótipos e estigmas impostos a esses corpos marcados pelo diagnóstico de TEA.

A metodologia envolveu uma combinação de revisão de literatura com análise de conteúdo em publicações feitas nos perfis do Instagram® de pessoas autistas. A revisão bibliográfica foi realizada em articulação com uma pesquisa de iniciação científica, intitulada, “O Transtorno do Espectro Autista em Publicações no campo da Psicologia: uma revisão integrativa”, quando artigos sobre o TEA foram lidos, fichados e sintetizados.

A revisão foi produzida a partir do acesso às bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil (BVS Psicologia) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), com o uso dos seguintes descritores: (1) Autismo; (2) Psicologia. Foram excluídos artigos em duplicidade e artigos em língua estrangeira. Os textos encontrados foram lidos, fichados e utilizados como referência para a produção de análises sobre o tema em questão.

Além dos textos vinculadas ao levantamento mencionado, realizaram-se leituras de outros artigos pertinentes ao objeto de pesquisa. Obteve-se, assim, elementos para a elaboração de um referencial teórico capaz de fornecer subsídios e pistas para a produção das análises.

A análise das publicações feitas no Instagram®, por sua vez, foi apoiada na técnica de Análise de Conteúdo. Bardin (1977/2010) define a Análise de Conteúdo (AC) como uma série de instrumentos metodológicos caracterizados por uma interpretação controlada, baseada na inferência.

O objetivo principal desse recurso metodológico é obter indicadores quantitativos e qualitativos que possibilitem a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção de mensagens, a partir de interpretações. Através do que a autora vai chamar de “jogo entre

hipóteses, técnicas e interpretação” pretende-se produzir conhecimento de relevância social para que profissionais, em especial das áreas de saúde e educação, possam repensar suas atuações com pessoas autistas pensando no sujeito de suas intervenções.

7.1 Procedimento para coleta de dados

Além disso, foram coletados conteúdos publicados nos perfis das redes sociais de pessoas diagnosticadas com autismo. Nesse caso, os perfis de pessoas autistas foram selecionados aleatoriamente, com base nos seguintes critérios: a) constatação de que é um perfil público; b) que se trata do perfil de alguém que se apresenta publicamente como autista; c) que essa pessoa publique conteúdos sobre a sua vivência e sua visão acerca do autismo; d) que se trata de uma pessoa que foge da norma em que se é pensado o autismo (i.e: mulheres, pessoas negras e/ou pessoas da comunidade LGBTQIAPN+).

Além disso, selecionaram-se as publicações veiculadas em um intervalo de três meses, entre os dias 01 de agosto a 01 de novembro. Tal escolha se justifica para garantir a viabilidade do processo de coleta, já que o intervalo de tempo oferece um equilíbrio entre a obtenção de um número significativo de dados e a limitação de tempo da pesquisa. Dessa forma, as seguintes contas foram selecionadas:

1. Luciana Viegas | @umamaepretaautistafalando
2. Alice Melo | @alicxmelo

Foram coletados diversos tipos de conteúdo expressos por meio de vídeos e fotos. Não foram analisados os comentários das publicações. Assim, priorizou-se a possibilidade de coletar informações importantes sobre o TEA, a partir da perspectiva das autistas, e pensar sobre quais formas suas singularidades são expressas.

7.2 Procedimento de análise

Os conteúdos acessados foram submetidos a uma análise de conteúdo nos moldes de Bardin (1997). A autora divide a estratégia da análise de conteúdo em três tempos que contam com vários processos, sendo eles:

1. Pré-análise: nesse momento formulou-se as hipóteses e os objetivos; em seguida, realizou-se a escolha dos conteúdos incluídos na análise.
2. Exploração do material: nesse estágio efetuou-se a exploração do material através do acesso às contas selecionadas.

3. Tratamento do material de análise: por fim, os dados foram codificados e categorizados em temas.

O elemento de base da análise de conteúdo se constitui como qualquer material resultante de comunicação verbal ou não-verbal (Souza; Santos, 2020). Nesse caso, conforme exposto, os conteúdos foram as publicações realizadas em perfis no Instagram® de duas pessoas autistas, sendo eles verbais (textuais) e não-verbais (fotos e vídeos). Na segunda etapa, produziu-se duas planilhas na ferramenta *Microsoft Excel*, uma para cada perfil analisado, com as colunas verticais com os seguintes títulos:

1. Data de publicação;
2. Tipo de Mídia;
3. Tipo;
4. Assunto Principal;
5. Descrição;
6. Citação De Exemplo.

A partir disso, surgiram duas categorias de análise: a) das linhas duras às maleáveis: o autismo pelas autistas; b) linhas de fuga: processos de singularização e invenção subjetiva para além do diagnóstico.

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados e analisados os conteúdos de dois perfis no Instagram de mulheres autistas, entre 01 de agosto a 01 de novembro. Um dos perfis foi o de Luciana Viegas, uma mulher negra, de 30 anos, que mora em São Paulo/SP. Em sua biografia, afirma ser autista, ativista antirracista e educadora. Além disso, relata ter sido eleita a "D-30 Disability Impact List", uma lista que destaca e homenageia membros da comunidade global de pessoas com deficiência; também afirma ser fundadora e diretora executiva do movimento VNDI, Vidas Negras com Deficiência Importam. Ao final da coleta, Luciana tinha 388 publicações realizadas em seu perfil, mais de 23.500 seguidores, e estava seguindo 3.878 contas, conforme ilustrado na imagem abaixo:

Figura 1 - Perfil de Luciana Viegas no Instagram



O outro perfil foi o de Alice Melo, uma mulher branca de 25 anos, moradora de Recife/PE, que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+. Ela afirma que produz conteúdo “*honesto, não expresso*”, isto é, não produz conteúdos de forma rápida, mas “*dá espaço pra ele acontecer*”⁴, segundo o que ela disse em uma postagem. Além disso, em sua biografia a criadora afirma ser autista e especialista em acessibilidade. Dentre os assuntos pelos quais ela mais gosta de produzir, menciona cinema e cultura pop. No momento da coleta, Alice tinha 454

⁴ Trecho de um texto publicado no dia 30 de agosto de 2023 por Alice Melo, @alicxmelo, no Instagram®.

publicações em seu perfil, 6.857 seguidores e estava seguindo 3.054 contas, conforme podemos observar:

Figura 2 – Perfil de Alice Melo no Instagram



Foto: Reprodução/Instagram

Foram identificados, no total, 67 postagens realizadas nos dois perfis no período de três meses. Dessas, 41 foram da influenciadora Luciana Viegas em que 18 postagens foram fotografias, 14 foram imagens com textos e nove vídeos. As postagens são de teor informativo, ativista, afetivo, reflexivo, crítico, publicitário e inspiracional. Os seguintes assuntos são abordados: educação inclusiva, violência policial, movimento VNDI (Vidas Negras com Deficiência Importam), inclusão, cordão de girassol, paternidade, maternidade, pacto da branquitude, diagnóstico e carreira educacional.

Já Alice Melo realizou 26 postagens, sendo 13 vídeos, nove imagens com textos e quatro fotografias. As postagens são de cunho crítico, informativo, reflexivo, afetivo e humorístico. Os assuntos incluem: restrições alimentares, violência médica, influência digital, estigmatização de autistas, autodiagnóstico, exposição de autistas, cinema, inclusão, acessibilidade, capacitismo, diagnóstico e veganismo.

Foram encontrados conteúdos que dizem tanto sobre questões que passam pelo TEA quanto de outras questões – que dizem das formas de estar no mundo de cada uma das criadoras de conteúdo. De fato, o autismo deixa marcas em cada expressão, entretanto, há aquelas que dizem acerca de outros processos de invenção subjetiva, que não têm ligação direta com o

diagnóstico. É necessário dizer que essa delimitação não será cirúrgica, pois tratamos aqui de subjetividades rizomáticas, que não são passíveis de separações totais e objetivas. Afinal, como afirma Lourau (2017, p.304) – em artigo que aborda a crítica de Fernand Deligny ao simbólico, “nosso devir não está cortado em fatias”, ao contrário do que a epistemologia nos faz crer. Sendo assim, não nos cabe trazer simplificações categóricas acerca das produções subjetivas das influenciadoras.

8.1 Das linhas duras às maleáveis: o autismo pelas autistas

A comunidade autista é composta por autistas, familiares e profissionais da saúde (ANDRADE; NUNES, 2023). Entretanto, quando se fala da produção de conhecimento sobre o autismo, pouco se produz a partir das experiências dos sujeitos autistas e do que eles e elas têm a dizer.

Na realidade, desde Kanner, muito tem sido produzido sobre e não com os sujeitos. Em seu livro autobiográfico intitulado “I don't want to be inside me anymore” – em português “Eu não quero mais estar dentro de mim”, Birger Sellin, um autista alemão não-falante, afirma que o autista pode trazer algo com potencial revolucionário para os discursos já estabelecidos (SELLIN, 1995 *apud* BIALER, 2015). Sobre essa produção de conhecimento acerca do autismo, Alice Melo adverte:

Vão te dizer que método tal, o método “ABC” é melhor, é mais efetivo, mas pode não ser. Porque a coisa mais importante aqui é sempre esquecida: a gente. Quando você abre o Instagram hoje, gente, e pesquisa “autista”, “autismo”, você só vê imagens, a maioria de criança. Pior: uma boa parte dessas imagens de crianças em crise, desrespeitando totalmente o estatuto da criança e do adolescente, desrespeitando o nosso direito individual. Aliás, autista tem direitos humanos? (ironia) Porque, sinceramente, não parece. Muitas dessas terapias, na verdade, buscam tornar tudo mais confortável para pais e mães e, quem sabe, desencadear um futuro aí muito difícil de frustrações e extremo mascaramento para essas crianças autistas⁵

Ao questionar o lugar que os especialistas e pais se colocam diante de sujeitos autistas, Alice levanta uma questão importante: a subjetividade das pessoas alvos dos discursos. Ela traz a dimensão da objetificação a que esses corpos são submetidos pela marca da deficiência. De acordo com Bialer (2015), é possível encontrar, em várias autobiografias de autistas, críticas ao poder do especialista e à relação direta com a objetificação e estigmatização dos sujeitos. Em outra publicação, Alice questiona

⁵ Trecho de um vídeo publicado no dia 25 de outubro de 2023 por Alice Melo, @alicxmelo, no Instagram®.

Por que a criança autista parece não ter o direito humano de controle e privacidade sob a própria imagem? Me causa muita dor emocional perceber que pessoas que dizem amar e zelar por suas crianças tratam como uma espécie de espetáculo circense, onde a criança é quase como aquele animal enjaulado incontrolável e todo mundo assiste com apreensão.⁶

Alice traz nessa fala a noção de espetacularização em que vivemos em nossa sociedade (DEBORD, 1947), onde os sujeitos autistas são objetificados no ciberespaço, tirando o foco das experiências reais desses sujeitos e sobre o que eles têm a dizer. Aliás, Baremlitt (1996) afirma que, além da perda de possibilidade de saber de si mesmo, os sujeitos têm perdido o controle sobre suas próprias condições de vida, ficando alheios à capacidade de gerenciar suas próprias existências.

Ademais, essa escrita acadêmica adotada pelos especialistas, frequentemente utiliza um estilo de pensamento que se apresenta como um olhar desencarnado, deslocalizado, que, de longe, de sobrevoo, se lança sobre o outro, o colocando no lugar de objeto (HARAWAY, 1995). Assim, entende-se que a objetificação desses corpos contribui também para a construção de estigmas. Sobre estes, Alice aborda em uma postagem a *“indecisão dos neurotípicos⁷”*, ao afirmar que ora falam que os autistas *“são muito inteligentes e ora que são esquisitos demais”*.

Na mesma publicação, ela afirma ainda que *“muito se fala sobre a pessoa autista se adaptar ao mundo, mas nunca se fala sobre esse mundo tentar entender ou pelo menos acolhê-la”*. Em outra postagem, ela compartilha um vídeo no qual a seguinte frase aparece destacada: *“Depois do meu diagnóstico: não tem nada de errado comigo, talvez tenha algo de errado com o universo”*. Alice traz uma aproximação com a noção de deficiência proposta por Débora Diniz (2007), ao dizer que a deficiência está numa sociedade discriminatória que tem ideais específicos de humano ideal.

A propósito, a temática do diagnóstico se fez presente em ambas as contas. Alice ironiza a forma exagerada com que o autodiagnóstico é tratado, a partir de uma postagem humorística. Nesta, ela traz algumas frases que diz serem frequentemente utilizadas, como: *“tão fazendo autodiagnóstico no Tiktok⁸”*, *“no Tiktok todo mundo com deficiência quer aparecer”*, *“meu deus tão tirando direitos das pessoas, estão tornando transtornos modinha, todo mundo é farsante”*. Na legenda, ela aponta:

Na vida real essa coisa de “autodiagnóstico de Tiktok” não existe. Sim, podem ter pessoas precipitadas, falando besteira. Mas na realidade da vida, a gente com

⁶ Trecho da legenda da imagem com texto publicada no dia 04 de setembro de 2023 por Alice Melo, @alicxmelo, no Instagram®.

⁷ Pessoas neurotípicas são aquelas que não manifestam alterações neurológicas ou do neurodesenvolvimento, como o autismo.

⁸ Aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos.

deficiências invisíveis e condições raras, tem a credibilidade questionada o tempo todo, mesmo com laudo. (...) Saiam da internet 5 (sic) minutos. Ninguém age assim. Quanto mais se cria e fabrica essa narrativa como válida, vocês mais uma vez usam exceções como regra e afastam pessoas que fogem da norma da sociedade. (...) tá tudo bem suspeitar, coletar informações e ir atrás de explicação pra suas coisas. Mas também lembre-se que ajuda profissional é necessária, importante e deve ser levada em consideração.⁹

De fato, a patologização excessiva de nossas vidas é problemática. Afinal, ao simplificar o diagnóstico através do ciberespaço, como algo banal, gera-se uma desinformação. Dessa forma, a patologização, alimentada por estereótipos digitalmente, pode contribuir para a descredibilização das experiências singulares e reais dos sujeitos.

A partir dessa reflexão, podemos discutir sobre as noções de normal e patológico. Conforme apontado por Canguilhem (1995), “o patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida.” (p.46). Nesta perspectiva, para se “julgar o normal e o patológico não se deve limitar a vida humana à vida vegetativa” (p.65). Consoante com o autor, o movimento da neurodiversidade defende que o autismo não é uma doença a ser curada, mas uma diferença humana, a qual deve ser respeitada como outras (ORTEGA, 2008).

Já a influenciadora Luciana Viegas traz questões associadas ao diagnóstico diretamente relacionadas ao racismo. Em um vídeo publicado em sua rede social, ela, que é mãe de um menino autista – nível 3 de suporte, relata que levou seu filho ao médico pediatra preocupada com a falta de resposta quando chamava seu nome, ainda quando era um bebê. Mesmo diante da orientação de médicos de que a criança tinha seu próprio tempo, Luciana persistiu na busca por respostas. Após alguns meses, durante uma consulta, o médico gritou o nome do menino, mas não obteve respostas. E então, finalmente, o médico indicou duas possibilidades: a baixa audição ou a presença no espectro autista. Para Luciana, esse foi o dia em que ela teve a certeza de que seu filho era autista.

Em outro vídeo, ela relata que não teve luto após o diagnóstico de autismo do filho, pois o fato de ele ser autista, e não oralizado, só fez com que fossem intensificadas algumas preocupações. Estas já a acompanhavam desde o momento em que estava grávida de um menino negro e periférico, como em uma batida policial, por exemplo.

Eu saí do consultório já pensando em estratégias para começar a fazer com que ele tivesse autonomia. (...) Aí eu percebo que uma hora ele vai passar por uma batida

⁹ Trecho da legenda da imagem com texto publicada no dia 01 de setembro de 2023 por Alice Melo, @alicemelo, no Instagram®.

policial e que isso tudo pode ser um problema. Como que um menino negro autista da quebrada sinaliza que não fala?¹⁰

Essas situações demonstram como a necropolítica age sobre as vidas de pessoas negras. Afinal, a política de produção de morte – o deixar morrer, que é parte do biopoder e da soberania, tem o racismo como parte fundamental (FOUCAULT, 2010). Nesse sentido, o comportamento de Luciana em antecipar situações de risco – como batidas policiais, evidencia como o racismo se entrelaça com a experiência de sujeitos racializados.

O diagnóstico precoce de autismo possibilita intervenções que podem promover o desenvolvimento das habilidades afetadas (FERNANDES; TOMAZELLI; GIRIANELLI, 2020). O filho de Luciana, não teve seu diagnóstico tardiamente. Apesar disso, sua trajetória até o momento em que o TEA foi considerado uma opção suscita reflexões cruciais sobre como a narrativa poderia ser diferente se ele fosse um menino branco. Luciana teve seu diagnóstico apenas após o de seu filho, aos 25 anos. Nesse sentido, defende-se o diagnóstico como um caminho para o Bem Viver dos sujeitos, que através de um entendimento de si possam buscar meios de existir socialmente diferentemente do que é imposto pelo ideal colonial de indivíduo.

Outro agenciamento que se fez bastante presente nas postagens de Luciana, que é educadora, foi a educação inclusiva. A criadora tece críticas diretas à presença de atendentes terapêuticos nas salas de aula com a indicação compulsória do método ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Ela afirma que

Escola é espaço pedagógico, não terapêutico. A proposição de um assistente terapêutico esvazia o papel dos professores e conflita com os serviços de profissional de apoio e professor de atendimento educacional especializado, já previstos na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPE!/2008). Impor uma única abordagem terapêutica ultrapassa limites éticos no trato da coisa pública. O ABA não pode ser a única alternativa a dar conta das diversas demandas das pessoas do espectro do autismo, e os equipamentos públicos não podem estar a serviço de interesses privados e corporativistas.¹¹

Em uma das publicações que Luciana faz contra o Projeto de Lei 3035/20¹², Luciana aborda as complexidades em torno da presença de atendentes terapêuticos em salas de aula. Ela

¹⁰ Trecho do vídeo publicado no dia 03 de agosto de 2023 por Luciana Viegas, @umamaepretaautistafalando, no Instagram®.

¹¹ Trecho da imagem com texto publicada no dia 10 de outubro de 2023 por Luciana Viegas, @umamaepretaautistafalando, no Instagram®.

¹² Projeto de Lei que institui a Política de Educação Especial e Inclusiva, para atendimento às pessoas com transtorno mental, transtorno do espectro autista (TEA), deficiência intelectual e deficiências múltiplas. Entre os objetivos da política estão: a) oferecer oportunidades educacionais adequadas às necessidades dos alunos; b) definir a atuação interdisciplinar como ferramenta para o trabalho dos profissionais envolvidos; e c) estabelecer padrão mínimo para formação acadêmica e continuada de profissionais e para a constituição de equipes

ressalta a necessidade de repensar as formas de inclusão, destacando a importância de uma abordagem escolar libertadora e transgressora. Ela afirma que

Essa função atendente terapêutico, a partir de uma lógica comportamental, ela vem da onde, né? É bom a gente entender que existem abordagens terapêuticas que são extremamente invasivas, que controlam corpos de pessoas autistas. (...) A gente não pode responsabilizar um único agente dentro da sala de aula, a gente não pode responsabilizar só o AT como se ele fosse uma grande solução para esse problema sistêmico que a educação enfrenta nesses momentos.¹³

Assim, a partir dos apontamentos de Luciana, refletimos como os mecanismos de poder, quando não tem o objetivo de fazer morrer uns e deixar viver outros, termina por adestrar os corpos e torná-los produtivos (Foucault, 2007). Além disso, é necessário dizer que existem diferentes formas de realizar o acompanhamento terapêutico, considerando que esta prática não é específica de uma única área ou abordagem teórica (NASCIMENTO, SILVA E DAZZANI, 2015; OLIVEIRA, 2023).

Nesse caso, a prática psicológica alicerçada com os ideais de normalidade e que objetiva adaptação dos indivíduos deve ser problematizada. Os critérios de quais comportamentos são adequados ou não (MARTINS E CAMARGO, 2023) devem ser cuidadosamente analisados, em cada atuação, pelos profissionais da Psicologia, considerando que, anular comportamentos que fazem parte do modo de funcionamento do sujeito é violento e antiético. O Acompanhamento Terapêutico Escolar, se realizado de maneira prudente, e sem a intenção de adestrar e controlar os sujeitos autistas, oferece a chance de que os mesmos se relacionem socialmente, sejam vistos, exponham suas estranhezas, se relacionem, sejam ouvidos, se tornem sujeitos falantes e com desejos (NASCIMENTO; SILVA, DAZZANI, 2015).

Por fim, ainda no vídeo em que Luciana tece uma crítica ao acompanhamento terapêutico nas escolas, ela diz acreditar em uma escola que seja inclusiva, anti racista e anticapacitista através de experiências com seu filho. Em um compartilhamento de uma sequência de cinco fotos da escola em que seu filho estuda, expressa sentimentos como orgulho ao mencionar o local em que seu filho estuda. As fotos são de Luciana com os gestores e fotos de ambientes da escola, sendo eles: um canto com materiais de pintura; o banheiro masculino com adjetivos do que meninos podem ser – que quebram os estereótipos de gênero; do banheiro feminino com imagens de mulheres com diferentes culturas e fenótipos, com a frase “Não é

multidisciplinares. O projeto foi repudiado pois não houve diálogo com a comunidade PcD e cita a previsão do atendimento terapêutico dentro da sala de aula, mas sem deixar claro quem paga por isso.

¹³ Trecho do vídeo publicado no dia 31 de agosto de 2023 por Luciana Viegas, @umamaepretaautistafalando, no Instagram®.

sobre ela, é sobre todas nós”; e de um painel com um desenho de Carolina Maria de Jesus lendo o livro Quarto de Despejo (1960), além de desenhos dos alunos, vide imagens a seguir.

Figura 3 – Publicação feita no Instagram de Luciana



Foto: Reprodução/Instagram

Carolina Maria de Jesus tinha a escrita como um refúgio, um lugar em que ela podia se tornar sujeito de si mesma (SANTOS; SANTOS, OLIVEIRA, 2016). Entende-se que como a autora, as criadoras de conteúdo - Luciana e Alice - denunciam fatos concretos de suas realidades através de suas publicações na rede social Instagram®.

Dessa forma, entende-se que nos discursos dos especialistas e dos manuais são (re)produzidas as linhas duras – representadas por perspectivas estigmatizantes e reducionistas sobre os sujeitos autistas, assim como terapias que buscam a normalização, objetivando moldar o indivíduo em padrões predefinidos. No entanto, a partir das análises, compreende-se que essa tentativa não condiz com a realidade vivida pelos sujeitos/as autistas. As linhas, tão rigidamente traçadas, se tornam turvas a partir dos encontros em que se produzem afetos, tais como indignação frente aos discursos propagados, sentimento de pertencimento a uma comunidade, entendimento de que não há nada a ser curado em si, orgulho de uma escola que se baseia nos princípios da inclusão, entre outros.

8.2 Linhas de fuga: processos de singularização e invenção subjetiva para além do diagnóstico

As linhas de fuga são explicadas por Deleuze (1998, p. 30):

A linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não têm uma compreensão clara desse conceito. Embora, é claro, eles busquem escapar, como qualquer pessoa, a concepção deles sobre fugir é, muitas vezes, associada a deixar o mundo, seja de maneira mística ou artística, ou então considerada como algo covarde, pois implica em se esquivar de compromissos e responsabilidades. No entanto, fugir não significa renunciar à ação; na verdade, é uma atividade intensa. É o oposto do imaginário. Fugir também envolve fazer algo escapar, não necessariamente os outros, mas provocar o vazamento de um sistema, como se estivesse perfurando um cano. [...] Fugir é

desenhar uma linha, ou várias linhas, criando toda uma cartografia. Somente através de uma longa fuga fragmentada se descobrem novos mundos (DELEUZE, 1998, p. 30)

No caso das publicações de Alice e Luciana há expressões que dialogam diretamente com a forma de estar no mundo de cada uma, expressões que rompem com a normalidade e que não cabem nos manuais, e que, por isso, vazam, emergem. Isto é, as publicações expressam como as duas mulheres autistas desterritorializam as noções normatizantes do ser autista, a partir da linguagem, da participação em movimentos sociais, da mídia, do trabalho, etc. Observa-se ainda que esses processos inventivos acontecem em meio a uma luta constante – confrontando os valores dominantes, as verdades expressas pelos especialistas, desafiando as normas estabelecidas em relação ao ser autista, mulher e negra, ou da comunidade LGBTQIAPN+, em uma sociedade que tenta cristalizar e controlar o indivíduo autista.

Nesse sentido, um importante agenciamento que emerge nas duas contas é o capacitismo – entendido como atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e de capacidade funcional (MELLO, 2014). Em uma postagem que Luciana faz sobre um trecho de uma entrevista que deu para falar sobre o Cordão de Girassol – símbolo nacional de identificação das pessoas com deficiências ocultas –, ela fala sobre o capacitismo estrutural da sociedade. Cita, ainda, a especificidade das deficiências invisíveis.

Então se a gente olha e não vê a deficiência, obviamente a gente pré julga que aquela pessoa não precisa daquele direito. Então é muito importante a gente entender que deficiência não é só o que a gente vê. (...) Ao colocar o cordão de girassol você também assume uma postura política e de identidade de pessoa com deficiência.¹⁴

Quanto à temática das deficiências invisíveis, ou ocultas, houve a dificuldade em encontrar estudos, especialmente os que trazem a dimensão do capacitismo. Entretanto, a partir da fala de Luciana podemos refletir sobre as contribuições de uma postura política e de identidade para as Pessoas com Deficiência. Mansano (2009) ressalta que, ao recusarmos o individualismo tão presente no nosso cotidiano, e insistirmos nos encontros, fazendo circular as invenções microssociais de novas formas de vida que não se reverterem em regras universais obrigatórias, estamos promovendo uma postura engajada e transformadora no contexto social.

Luciana utiliza sua rede social com o objetivo de articular-se politicamente e promover eventos do movimento social VNDI Brasil (Vidas Negras com Deficiência Importam). Por

¹⁴ Trecho do vídeo publicado no dia 05 de agosto de 2023 por Luciana Viegas, @umamaepretaautistafalando, no Instagram®.

exemplo, em uma dessas publicações ela destaca o sonho compartilhado e o compromisso de lutar pela importância e respeito das pessoas negras com deficiência diariamente. Ela destaca ainda a união da comunidade preta e LGBTQIAPN+ na luta contra o capacitismo, a homofobia e o racismo.

Em outra postagem, ela traz fotos da "Oficina Resista", promovida pelo VNDI Brasil para capacitar e formar cuidadores de crianças com deficiências, fortalecendo a convicção de que *“a revolução não será televisionada”*, mas vivida e construída coletivamente. Em outra publicação, ela divulga uma audiência pública com a temática "Vidas Negras com Deficiência Importam", onde convida seus seguidores a participar. Aliás, muitas publicações de Luciana trazem a dimensão do racismo. Luciana compartilha sua indignação diante do tratamento dado pelas pessoas no caso de Marcelle Decothe¹⁵, apontando questões relacionadas ao pacto narcisista da branquitude.

O caso da Marcelle pra mim é um exemplo triste. A gente denuncia o pacto narcísico da branquitude. Mas antes da exoneração a gente tava aqui acusando, julgando e nos deliciando por “não ser eu”. Isso nunca aconteceria com a branquitude, eles não são julgados igual a gente. E também não se colocam na berlinda. SE PROTEGEM! A branquitude todos os dias se refina e atualiza suas táticas. Absolutamente todos os dias. Nós? Seguimos usando a estratégia de revide às violências que recebemos. Não estamos na frente e nem avançamos, na real a gente perde sempre. Depois que um dos nossos vai, a gente faz tweet em defesa, publicação, dizemos que o currículo era impecável e que merecia outra chance. Não tem chance pra mulher negra nesse país. A essa altura a gente já deveria saber. E no fim, a gente perde. É isso. Todo mundo perdeu e a branquitude venceu.¹⁶

Cida Bento (2022) define o pacto narcísico como aquele feito entre as pessoas brancas para a manutenção de seus privilégios. Ela afirma que

[...] o pacto é uma aliança que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo. Gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns. O pacto suprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha, porque são relacionadas à escravidão (BENTO, 2022, p.17).

Assim, Luciana traz a indignação de que, se algo, como o que aconteceu com Marcelle, ocorresse com uma pessoa branca, ela não sofreria tantas retaliações. Em outra postagem, Luciana traz a importância da organização da revolta ao invés de apenas fazer publicações na rede social.

¹⁵ Ativista de direitos humanos que foi alvo de protestos após fazer uma publicação no Instagram se referindo à torcida do São Paulo como uma *“torcida branca, que não canta, descendente de europeu safade(sic)...pior de tudo pauliste(sic)”*. Após isso, ela foi exonerada do Ministério da Igualdade Racial.

¹⁶ Trecho do texto publicado no dia 28 de setembro de 2023 por Luciana Viegas, @umamaepretautistafalando, no Instagram®.

Quer fazer algo? Não poste! Se organize, revolte-se. Se una a luta de quem tá pedindo o fim da polícia, de quem tá protestando e organizado pra enfrentar o racismo institucional. E mandando o recado direto: POLÍCIA PRECISA PARAR DE MATAR POBRE E PRETO!

A partir dessas mobilizações, Luciana se firma enquanto sujeito. Sobre isso, de acordo com Pateman (1993), as mulheres negras têm se estabelecido como sujeitos sociais e políticos, resultando em mudanças na história, conforme evidenciado por diversos documentos divulgados em diferentes fontes, que comprovam a crescente organização social e política das mulheres negras.

Outro importante agenciamento é a cultura pop e o cinema, que aparecem nas duas contas. Luciana Viegas expressa, em três publicações diferentes, sua devoção a Bruno Mars através de criações artísticas, como uma bandeira, e destaca a inspiração que encontra na música do artista na luta pelos direitos das pessoas com deficiência. Já Alice Melo aborda questões de acessibilidade no cinema. Destaca a falta de representatividade da neurodiversidade em filmes, cria memes relacionados ao autismo e filmes que abordam temáticas LGBTQIA+ e neurodiversidade, além de compartilhar seu hiperfoco em bonecas. Assim, a partir da cultura pop e do cinema, as criadoras dão mais algumas pistas de algumas linhas de fuga que traçam diante do diagnóstico. Logo, a cultura pop tem múltiplas implicações estéticas, sublinhadas por questões de gosto e valor, mas também, ao mesmo tempo, afeta e é afetada pelas relações de trabalho, capital e poder (SÁ; CARREIRO, FERRARAZ, 2015).

Por fim, as linhas de fuga traçadas por Alice e Luciana – o ativismo político e social, pelo enfrentamento ao capacitismo e ao racismo -, contribuem para a construção de alguns vestígios das diversidades existentes nos modos de ser autísticos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho pudemos denunciar algumas formas pelas quais o autismo é tratado a partir da perspectiva da Ciência Moderna, e as maneiras pelas quais os sujeitos enfrentam o problema. Nos espaços em que há especialistas falando sobre autismo isso geralmente acontece de uma forma em que os sujeitos devem ser homogeneizados, cristalizados, funcionais e produtivos. Não é por acaso que são objetificados, afinal, aquilo que os tornam sujeitos – suas transversalidades, suas diferenças - é podado.

Mas em confronto a isso, estão as formas singulares de se estar no mundo, adotadas pelos autistas. Muitos dos relatos trazem rastros de como a relação que estabelecem com o mundo produzem afetos – alegria, tristeza, indignação, resistência, desejos, interesses específicos, disputas, orgulho, criatividade. Assim, Luciana e Alice enunciam aquilo que não está sendo dito sobre o TEA. Em suas publicações, trazem o discurso instituinte: aspectos de suas vivências que provavelmente não são discutidos no meio universitário, onde o discurso instituído é produzido.

É importante dizer que esse trabalho não se propôs a trazer generalizações ou a essência dos sujeitos autistas, já que, dessa forma, formaríamos novamente uma linha dura, raramente representativa, e que legitima normatizações. Isto é, as experiências das influenciadoras não dizem de uma voz única, de um indivíduo autista, mas, sim, das singularidades que podem emergir para além do diagnóstico.

A proposta aqui visou inspirar os profissionais que trabalham com sujeitos/as autistas a sair do lugar de especialistas detidos exclusivamente sobre um único objeto. Este trabalho inspira o inclinar-se para escutar. Há muito sobre esses sujeitos para além, há muito sobre esses sujeitos que não se restringe a patologias, mas que dizem de suas formas de existirem mundo homogeneizador, estruturante e adoecedor. Que possamos nos ater aos sujeitos, a como podemos auxiliá-los no sentido de tornar suas vidas mais vivíveis, para que possam traçar linhas de fuga, linhas que possibilitem o novo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- ASPERGER, Hans. ‘Autistic psychopathy’ in childhood. In: FRITH, Uta. (Ed.). **Autism and Asperger Syndrome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 37-92. Disponível em: <https://cpb-us-e1.wpmucdn.com/blogs.uoregon.edu/dist/d/16656/files/2018/11/Asperger-Autistic-Psychopathy-in-Childhood-2h51vw4.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- AJURIAGUERRA, Julian de. Las Psicosis Infantiles. In **Manual de Psiquiatria Infantil**. 4ed. Barcelona: Toray-Masson; p. 673-731. 1977. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=466835&pid=S0006-5943201300020000500002&lng=pt. Acesso em: 27 jan. 2023.
- ANDRADE, Lucas Pontes de; NUNES, Nathália de Vasconcelos. **Autismo e o Sair do Espectro: (Im)possibilidades e Discussões**. Jornadas em Análise do Comportamento 1 - 2023, [s. l.], p. 12-24, 1 abr. 2023. Disponível em: <https://ibac.com.br/jornadas-ac/>. Acesso em: 3 jun. 2023.
- ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A Popularização Diagnóstica do Autismo: uma Falsa Epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. e180896, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. Disponível em: <https://praticasautogestionarias.files.wordpress.com/2013/11/textos-selecionados-analise-institucional-e-autogestc3a3o.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras; 2022. Edição Kindle.
- BIALER, Marina. A inclusão escolar nas autobiografias de autistas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 485–492, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193876>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BIALER, Marina. A escrita terapêutica no autismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 18, n. 2, p. 221–233, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p221.3>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em:

https://www.academia.edu/40841084/Psicologia_Socio_Historica_Ana_Bock. Acesso em: 05 jul. 2023.

BRASIL; Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias na Rede de atenção psicossocial do SUS. Brasília, 2015.

Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Disponível em:

<https://app.uff.br/slab/uploads/GeorgesCanguilhem-ONormaleoPatologico.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2023.

CARVALHO, Felipe Alckmin; PAULA, Cristiane Silvestre de; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; ZAQUEU, Livia da Conceição Costa; e D'ANTINO, Maria Eloisa Famá. Rastreamento de sinais precoces de transtorno do espectro do autismo em crianças de creches de um município de São Paulo. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 144-154, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200011. Acesso em: 20 abr. 2023.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**; tradução em Português

[www.terravista.pt/IlhadoMel/1540](http://www.terraviva.pt/IlhadoMel/1540). Livro virtual do Projeto Periferia, Ed. 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. **Revista Brasileira de História**, v. 19, n. 37, p. 179–194, set. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100009>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: **Editora Escuta**, 1998. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4931448/mod_label/intro/DELEUZE_PARNET_Dialogos.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

DIAS, Camila Cristina Vasconcelos; MACIEL, Silvana Carneiro; SILVA, João Victor Cabral da. Representações Sociais Sobre o Autismo Elaboradas por Estudantes Universitários. **Psico-USF**, v. 26, n. Psico-USF, 2021 26(4), p. 631–643, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260403>. Acesso em: 02 dez. 2023.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. Disponível em: https://www.fcm.unicamp.br/fcm/sites/default/files/2016/page/texto_o_que_e_deficiencia-2.pdf. Acesso em: 18 jun. 2023.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, p. e200027, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200027>. Acesso em: 07 set. 2023.

- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Disponível em: <https://ppgjs.uff.br/wp-content/uploads/sites/81/2021/06/Em-defesa-da-Sociedade.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20e%20II.pdf. Acesso em: 03 abr. 2023.
- HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis, MN, USA: University of Minnesota Press, 2008. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10806-008-9108-7>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- HU, Yuheng; MANIKONDA, Lydia; KAMBHAMPATI, Subbarao. **What we instagram**: A first analysis of instagram photo content and user types. Proceedings of the 8th International Conference on Weblogs and Social Media, ICWSM 2014, United States, p. 595-598, 1 jan. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1609/icwsm.v8i1.14578>. Acesso em: 19 set. 2023.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, p. 110-117, 25 nov. 2009. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78/81>. Acesso em: 02 set. 2023.
- MARFINATI, Anahi Canguçu; ABRAO, Jorge Luís Ferreira. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i2p244-262>. Acesso em: 08 nov. 2023.
- MARTINS, Juliana dos Santos; CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5014, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5014>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- MATOS, Sônia Regina da Luz. O pedagogo francês Fernand Deligny (1913-1996) e a sensibilidade estética da existência autista. **Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade**, v. 5, p. 97-102, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v5i2.17983>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 1ª edição [2003]. São Paulo: N-1, 2018a.
- MELLO, Anahí Guedes de; AYDOS, Valéria; SCHUCH, Patrice. Aleijar as antropologias a partir das mediações da deficiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, n. 64, p. 7-29, set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832022000300001>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. 262 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2014. Disponível em:

<https://nedef.paginas.ufsc.br/files/2017/10/Disserta%C3%A7%C3%A3o-mestrado-A5-Anahi-G-Mello.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MINAYO, Maria Cecília. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência.**, v. 8, n. 1, p. 57, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v8i1.26803>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MONTARDO, Sandra Portella. Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 169–182, maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25542019237688>. Acesso em: 15 set. 2023.

NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro do. Encontros possíveis entre psicologia e educação para a inclusão escolar. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 6-18, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100002. Acesso em: 20 abr. 2023.

NASCIMENTO, Verônica Gomes; SILVA, Alan Souza Pereira; DAZZANI, Maria Virgínia Machado. Acompanhamento terapêutico escolar e autismo: caminhos para a emergência do sujeito. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 520-534, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000300011. Acesso em: 02 dez. 2023.

KANNER, Leo. Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. *Nervous Child*, **Baltimore**, v. 2, p. 217-250, 1943. Disponível em: <https://www.profala.com/artautismo11.htm>. Acesso em: 12 jun. 2023.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, v. 17, p. 46–61, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2701411&forceview=1>. Acesso em: 15 jan. 2023.

KEMP, Simon. **The changing world of digital in 2023**. We Are Social, United Kingdom, 26 jan. 2023. KEMP, Simon. **THE CHANGING WORLD OF DIGITAL IN 2023**. We Are Social, United Kingdom, 26 jan. 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/the-changing-world-of-digital-in-2023/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: https://www.giulianobici.com/site/fundamentos_da_musica_files/cibercultura.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicologia & sociedade**, v. 26, n. 1, p. 44–52, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166–173, maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. **Cultura Pop**. Salvador: Brasília: Edufba, Compós, 296. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17895>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SÁ, Adrianna Reis de. A discriminação de mulheres autistas, uma construção do patriarcado. In: **XIII congresso Nacional de Bioética**, 2019, Goiânia. XIII congresso Nacional de Bioética. Democracia, saúde e direitos humanos, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. IN: Leão, Lúcia (org). **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume/Senac, 2004. Disponível em: <https://www.hrenatoh.net/curso/textos/subjetividadesantaella.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos; SANTOS, Nadia Farias; OLIVEIRA, Bruna Karine de. Educação e invisibilidade social na obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Todas as Letras **Revista de Língua e Literatura**, v. 18, n. 3, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9814>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Caminhos históricos e epistemológicos da psicologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 57–72, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68474>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SILVA, Lucas Silveira da; FURTADO, Luis Achilles Rodrigues. O sujeito autista na Rede SUS: (im)possibilidade de cuidado. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 119–129, maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5635>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SILVA, Solange Cristina da; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; KASZUBOWSKI, Erikson. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217618>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Educação & Realidade**, 24(2), 12-28. 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/55373/33644/226339>. Acesso em: 4 fev. 2023.

STELZER, Fernando Gustavo. Uma pequena história do autismo. Volume 1. São Leopoldo: **Associação Mantenedora Pandorga**. 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6834601-Uma-pequena-historia-do-autismo.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PATEMAN, Carole. O contrato sexual. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4403853/mod_resource/content/1/O%20Contrato%20Sexual%20-%20Carole%20Pateman.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

PEREIRA, Anne Karolyne Mendes; SOUTO, Virgínia Tiradentes; A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres. p. 1403-1411. In: **Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em:

<https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/9cidi/3.0294.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

OLIVEIRA, Amoriara Milhomem Francisca de. **Acompanhamento terapêutico escolar no encontro da saúde com a educação**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Tocantins, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/4882>. Acesso em: 01 dez. 2023.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 477–509, out. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VILICIC, Filipe. O clique de um bilhão de dólares. Rio de Janeiro: **Intrínseca**, 2015. Edição Kindle.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 563–578, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000300009>. Acesso em: 27 ago. 2023.